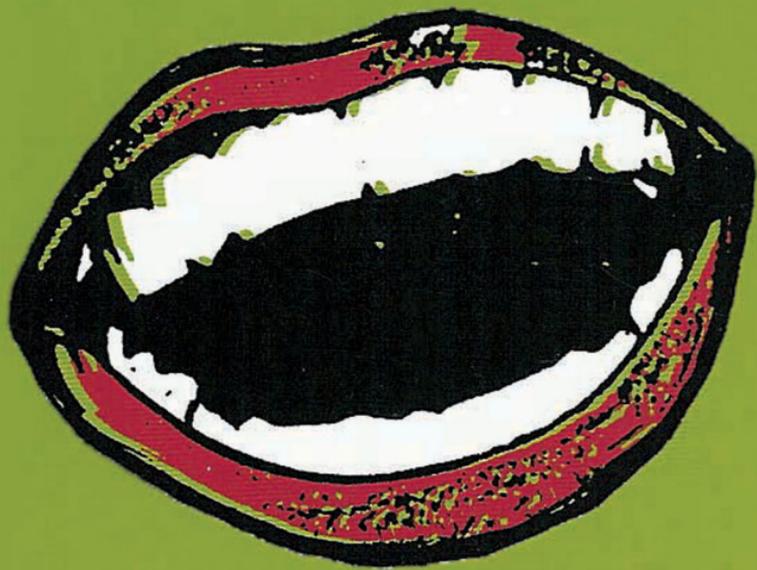


GÍRIAS

DE TODAS AS TRIBOS



Kárin Fusaro



GÍRIAS

DE TODAS AS TRIBOS

GÍRIAS

DE TODAS AS TRIBOS

Kárin Fusaro



Copyright © 2001 Kárin Fusaro
Copyright das ilustrações © 2001 Walter Vasconcelos

Editor

MARCELO DUARTE

Capa e projeto gráfico

MARCELLO ARAÚJO

Ilustrações

WALTER VASCONCELOS

Preparação de texto

TATIANA PAVANELLI VALSI

Revisão

GORETTI T. NUNES

Índice remissivo

BEATRIZ SIDOU

Editoração

ESTÚDIO O.L.M.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fusaro, Kárin-

Gírias de todas as tribos / Kárin Fusáro. — São Paulo :
Editora Panda, 2001

ISBN 978-85-7888-066-8

1. Gíria 2. Jargão (Terminologia) I. Título.

01-0570

CDD-417-2

Índice para catálogo sistemático:

1. Gíria : Lingüística 417.2

2010

Todos os direitos reservados à Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41 – 05413-010 – São Paulo – SP

Tel./ Fax: (11) 2628-1323

edoriginal@pandabooks.com.br – www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks – blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.

Prefácio

LIÇÃO DE CRIATIVIDADE

Para todos nós, ou para a grande maioria, pelo menos, seria muito bom que não existisse uma gíria dos pichadores. Porque não existiriam pichadores.

Um dos principais méritos deste trabalho de Kárin Fusaro é exatamente o de não ter preconceitos. Por isso, a linguagem peculiar dos pichadores, dos dependentes de drogas e dos menores infratores, por exemplo, convive com a forma de expressão dos grupos emergentes ou aceitos sem problemas pela sociedade, como a dos surfistas, a dos agrobóys (na terminologia da Kárin), a dos pagodeiros, a dos game-maníacos e uma infinidade de outros.

A origem da gíria, em termos lineares, é muito simples: ela surge como elemento de autodefesa de um estrato social ou profissional. Em suma: apenas seus membros a entendem.

Essa estrutura, claro, ocorre apenas numa primeira etapa. À medida que esses grupos usam os signos próprios para se comunicar com outros, a linguagem fechada termina por se difundir para um universo diferente do original. Muitos termos, por

serem demais particulares, continuam restritos ao segmento onde nasceram, mas outros adquirem caráter genérico e vão parar nas páginas dos dicionários, a princípio com a observação “gíria”, depois talvez como “brasileirismo” e finalmente, muitas vezes, incorporando-se ao léxico comum, sem nenhuma especificação maior.

Por essa razão, o levantamento de Kárin Fusaro apresenta uma utilidade incontestável para os estudiosos do idioma, uma vez que, ao lado das gírias propriamente ditas, se podem identificar regionalismos, barbarismos (palavras de outros idiomas), palavras, lugares-comuns ou clichês, solecismos (erros “de gramática”) e até resquícios da linguagem de séculos passados.

A maior identificação das gírias contidas no livro, porém, é com o jargão profissional, a ponto de, em grande parte dos capítulos, ser impossível definir o que é gíria e o que é jargão.

No primeiro registro, referente aos aeronautas, por exemplo, *dar uma arremetida* mostra outra das características da gíria ou da linguagem coloquial: a adaptação de um termo técnico a uma situação diferente. Assim, o jargão profissional *dar uma arremetida* desloca-se para o plano pessoal e passa a definir *desistir de uma paquera*.

A apropriação pelos guetos sociais ou profissio-

nais de palavras de uso geral, leve ou profundamente modificadas, também fica clara: se nos dicionários *manicaca*, popularmente, é um *palerma*, entre os aeronautas o qualificativo assume o sentido de *novato*.

Como a *gíria*, em geral, constitui uma forma de manifestação de grupos fechados, não poderia estar ausente seu caráter de agressividade ou crítica social. Repare: *presunto* (morto pobre, *coveiros*); *boneco* (passageiro, *aeronautas*); *escorpião de bolso* (peão mesquinho, *agrobóys*); *braço-duro* (piloto ruim, *automobilismo*). Claro que ela também tem função oposta, a de ressaltar as qualidades dos membros do grupo, como: *fera* (craque, em várias áreas); *casca-grossa* (surfista que não teme ondas grandes), *avião* (mulher bonita), *ricardão* (ganhão).

Não podem ainda passar sem menção as associações de idéias ou comparações com objetos ou situações de que a imaginação popular é rica: *mala-sem-alça* (pessoa desagradável), *pianista* (o que trabalha na pia), *pangaré* (piloto lento, *kartistas*), *ibope* (fama, *grafiteiros*), *pagar mico* (passar vergonha).

Finalmente, quem quiser uma prova prática da mobilidade desse tipo de linguagem divirta-se com as várias *marias* “namoradeiras” (sejamos elegantes): a *maria-chuteira* do futebol (moça que vive atrás dos jogadores), a *maria-tatame* (menina que só namo-

ra lutador de jiu-jítsu), a *maria-batalhão* (moça que anda atrás de militares) e a *maria-parafina* (namorada de surfistas).

Eduardo Martins

É autor do *Manual de Redação e Estilo*, do jornal **O Estado de S. Paulo**, e do livro *Com Todas as Letras – O Português Simplificado*. Também produz e apresenta o programa *De Palavra em Palavra*, da *Rádio Eldorado AM* (São Paulo).

Apresentação

*Outro dia o coruja estava batendo lata
e encontrou um tatu.*

– E aí ? Eles acertaram o pilão?

*– Que nada, o espada abriu o caderno e
passou o maior chapéu no piolho!*

Você não conseguiu entender nenhuma palavra desde o início do papo? Relaxe, eles não vieram de outro planeta. Apenas fazem parte de um grupo com ocupações tão específicas que até desenvolveu um jeito próprio de se comunicar: a gíria.

A gíria não chega a ter uma estrutura ou forma gramatical particular, como o dialeto. Ela surge entre pessoas que se identificam por uma atividade esportiva, profissional ou atitude. A gíria pode extrapolar o meio em que foi criada e contagiar outras tribos. Mas também pode não pegar, ou durar pouco e ser rapidamente esquecida.

Essa linguagem cifrada, inicialmente compreendida apenas por quem faz parte da mesma tribo, é uma forma de defesa e preservação da identidade. Funcio-

na como um código exclusivo. Mas o simples contato com alguém de fora é suficiente para alastrar a palavra e acabar com o segredo do grupo.

Uma das grandes preocupações deste trabalho foi relacionar os termos, sejam eles gírias ou jargões, realmente conhecidos e empregados pela maioria dos componentes de um gueto. Muita coisa surge entre meia dúzia de pessoas, mas fica restrita a elas e não representa o vocabulário da maioria.

Quando é espalhada, a gíria está sujeita a mudanças de percurso. A expressão passa de boca em boca, vai ganhando acentos e significados diferentes do original, como numa brincadeira de telefone sem fio. Os meios de comunicação, além de lançar novos termos, são fortes propagadores da gíria que já existe.

Outro cuidado foi atualizar os termos de tempos em tempos. Isso porque a gíria muda a toda a hora. Hoje, por exemplo, ninguém mais ouve falar em “almôndega”. Há sete anos, a expressão era muito utilizada em danceterias como referência àqueles que ficavam se espremendo na pista de dança. Uma discoteca cheia para a moçada atual está “ferendo” ou “bombando”. Mas lugares movimentados ainda são conhecidos como “crowdeados”.

Quando comecei este livro, sabia que iria passar por situações inusitadas, mas não tinha idéia da dimensão humana e cultural que encontraria. Coisas

surpreendentes aconteceram enquanto buscava cada nova palavra.

Valia tudo para encontrar estilos diferentes, desde parar o trânsito em uma grande avenida de São Paulo para interceptar um carro da Marinha, até passar tardes com presidiários em uma casa de detenção.

A procura por gente de todas as tribos trouxe amigos interessantes. Cheguei até o VGN, de 19 anos, depois de passar muito tempo atrás de alguém que fosse realmente fera na pichação. Ele se mostrou também um exímio conhecedor da linguagem das ruas. Além de termos nos tornado confidentes, VGN prometeu que não vai fazer o muro lá de casa. Em tempo, “fazer o muro” para pichador não é levantar um paredão com cimento e bloco, mas significa encher a parede de rabiscos.

Kárin Fusaro

A autora agradecerá possíveis observações, críticas, correções e informações adicionais, que poderão ser enviadas para o endereço eletrônico: karinfusaro@hotmail.com

*Ao jornalista José Paulo de Andrade,
pelo incentivo e colaboração*

Sumário



Aeronautas **15**

Agroboys **17**

Automobilismo **20**

Bicheiros **21**

Bikers **22**

Bingueiros **23**

Caminhoneiros **26**

Capoeiristas **27**

Carteiros **28**

Clubbers **31**

Coveiros **34**



Dependentes
de drogas **36**

Feirantes **38**

Funkeiros **39**

Gamemaníacos **40**

Garçons **42**

Gays, lésbicas e
simpatizantes **44**

Grafiteiros **48**

Internautas **50**

Jipeiros **52**

Jiu-Jitseiros **53**

Jornalistas **55**

Kartistas **59**

Menores infratores **60**

Mergulhadores **62**

Metroviários **64**

Militares: Aeronáutica **67**

Exército **68**; Marinha **69**

Modelos **71**

Morro **72**



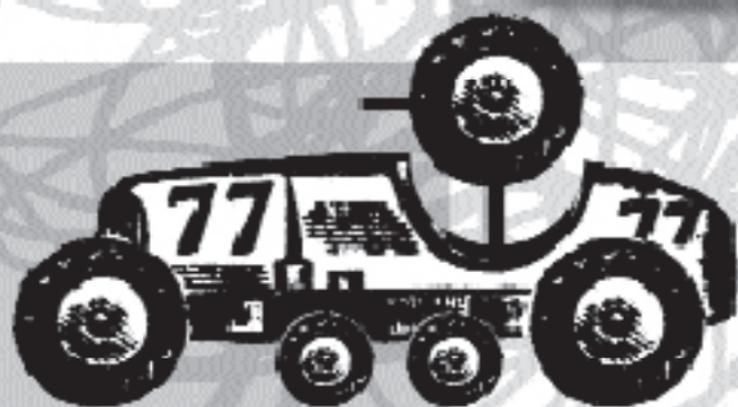


Motoboys **74**
Motoqueiros **75**
Motoristas e cobradores
de ônibus **76**
Pagodeiros **78**
Pára-quadistas **80**
Pedreiros **81**
Pescadores **82**
Pichadores **85**
Policiais (civis
e militares) **88**
Presidiários **90**
Prostitutas **93**
Radioamadores **94**
Rappers **98**
Sambistas **100**
Sinuqueiros **101**
Skatistas **105**
Surfistas **108**
Taxistas **112**
Travestis **114**
Truqueiros **116**

Turfistas **118**
Todas as tribos **120**
Gírias antigas **124**

Listinhas:

Pedras do bingo **25**
Emoticons **51**
Código Q internacional **97**
Código fonético
internacional **94**



25
PARA-TODOS

Aeronautas

Aerodinâmica. Mulher com corpo bonito

AFA. Sigla da Academia da Força Aérea; usada satiricamente como Associação dos Fofoqueiros do Aeroporto

Ala. Companheiro de trabalho ou de instrução

Boneco. Passageiro

Breguinha, duzentinho. Avião barulhento; Boeing 737-200

Catrafo. Pouso duro

CB (Cúmulo-nimbo). Pessoa não-confiável

CB frente oclusa. O mais chato do grupo

“CB no ar, piloto no bar”. Tempo fechado

“CB no céu, piloto no motel”. Dia ruim para voar

Dar-ident. Investir em uma paquera

Dar uma arremetida. Desistir de uma paquera

Entrar em órbita. Esperar uma ordem de pouso

Escala técnica para reabastecimento. Parada na casa de um colega para conversar

Espalha-roda. O que entra na conversa dos outros

Fazer a feira. Levar comida e objetos do avião

Fazer espera. Reduzir a velocidade em rota e esperar o pouso

Ficha-fria. Mau piloto

H-18. Disposição por 18 horas

H-24. Prontidão a qualquer hora do dia

HJ. Prontidão apenas durante o dia

HN. Prontidão só durante a noite

Manicaca. Novato

Manteiga. Pouso macio

Mata-ministro. Avião antigo usado pela Força Aérea Brasileira